



UM CONTO DAIMISTA/AMAZÔNICO/AYAHUASQUEIRO

Fernanda Cougo Mendonça¹

RESUMO

Apresento um recorte da/diálogo com a pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre; pesquisa publicada no livro “O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: Diálogos, Memórias e Artes Verbais” (MENDONÇA; NASCIMENTO 2019). O objetivo, no presente artigo é trazer à tona “gotas” da poesia oral de Luiz Mendes do Nascimento, ancião nascido no seio da Amazônia acreana e conhecido como o orador do Mestre Irineu. E empreender uma breve análise cultural do conto transcrito. Olhando pelas lentes dos Estudos Culturais (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979), de estéticas surgidas a partir das diásporas (HALL, 2003), da epistemologia da Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011); e colocando em cena o corpo, com suas memórias, poética, gestos e voz (ANTONACCI, 2014; ZUMTHOR, 1993; 2005; 2010) percebo as memórias narradas de Luiz Mendes como artes verbais; literatura oral daimista, ayahuasqueira e amazônica; “performances e literaturas insurgentes” que subvertem “sistemas de avaliações e classificações” da modernidade norte ocidental. Sob a ótica dos Estudos Culturais, ao invés de ser lida a partir das lentes etnocêntricas, essencialistas e dicotômicas da modernidade ocidental, a literatura oral amazônica-daimista-ayahuasqueira que procuro fazer ecoar (a saber os contos e cantos de Luiz Mendes) é entendida como “repertório de resistência” (HALL, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: Literaturas amazônicas. Culturas ayahuasqueiras. Daime. Luiz Mendes. Repertório de resistência.

ABSTRACT

I present a clipping of / dialogue with the masters research developed in the Graduate Program in Letters: Language and Identity, of the Federal University of Acre; research published in the book “The Speaker of Mestre Raimundo Irineu Serra: Dialogues, Memories and Verbal Arts” (MENDONÇA; BIRTH 2019). The aim of this article is to bring out the “drops” of the oral poetry of Luiz Mendes do Nascimento, an elder born in the Amazonian Acre and known as the speaker of Mestre Irineu. And undertake a brief cultural analysis of the transcribed tale. Looking through the lens of Cultural Studies (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979), aesthetics arising from diasporas (HALL, 2003), Ayahuasca epistemology (ALBUQUERQUE, 2011); and putting on the body with its memories, poetics, gestures and voice (ANTONACCI, 2014; ZUMTHOR, 1993; 2005; 2010) I perceive Luiz Mendes' narrated memories as verbal arts; daimist, ayahuasqueira and amazon oral literature; “Insurgent performances and literatures” that subvert the “ratings and rating systems” of northern western modernity. From the perspective of Cultural Studies, instead of being read from the ethnocentric, essentialist and dichotomous lenses of western modernity, the

¹ Mestra em Letras: Linguagem e Identidade. Universidade Federal do Acre. E-mail: cougo.fer@gmail.com



Amazonian-daimist-ayahuasqueira oral literature that I seek to echo (namely Luiz Mendes' tales and songs) is understood. as a “repertoire of resistance” (HALL, 2013).

KEYWORDS: Amazonian literature. Ayahuasca crops. Daime. Luiz Mendes. Resistance Repertoire.

1 INTRODUÇÃO

Apresento aqui um recorte da/diálogo com a pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre; pesquisa transformada/publicada no livro “O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra: Diálogos, Memórias e Artes Verbais” (MENDONÇA; NASCIMENTO 2019). O objetivo, no presente artigo é trazer à tona “gotas” da poesia oral de Luiz Mendes do Nascimento, ancião nascido no seio da Amazônia acreana e conhecido como o orador do Mestre Irineu. Nesse sentido opto por transcrever, ainda nesta introdução, um dos contos e cantos do ancião, retirados da pesquisa/livro já citado.

1.1 CONTO: CURAS, BASE AÉREA, VIRGEM MÃE

Fernanda: Aí, só voltando um pouquinho na história, quando o senhor acompanhou o Padrinho, aí foi esse hino [cantando] “pedi licença a meu mestre para mim esclarecer”?

Luiz Mendes: Ah, foi! Foi, o Padrinho Sebastião! É, justamente. Esse hino aí eu recebi lá, já.

Eu tava formado com ele, né. [Canta um trecho] “Vou seguindo os meus passos/vou por aqui devagar/ confiando no Divino... ..Cheguei, cheguei, cheguei/ dentro de um lindo salão/ no domínio do império/ do meu senhor São João” é... [Cita outros hinos que recebeu lá e continua]

Aquele, aquele... ..aquele de cura? ... [canta] “Eu tenho fé em meu Jesus” eu já estava saindo de lá, nesse hino. Eu trouxe ele de lá.

[Canto 8 - Eu Tenho Fé

Eu tenho fé em meu Jesus
Que ele há de me curar



É curador, é curador
A meu Jesus eu dou louvor]

Isso numa batalha duma cura. Buscando uma cura. Foram dez anos de, de, de trabalhos posso assim dizer voltados pra uma cura. Graças à Deus, realizou-se! Pra que eu pudesse ainda estar vivendo. He, he, he, he. “A mas você chegou no trabalho e adoeceu?” Eu digo foi... Como, quem é que não chega dentro de um trabalho com problemas, né. Porque muitos entraram através de uma cura, né. A maioria foi atrás de uma busca de uma cura. Quando não material, mas espiritual, né. E aí, “mas rapaz, poxa, num já foi curado?”. Não é que é, é, a gente é curado sempre, sempre, sempre porque nunca a gente é na plenitude, saudável, né. Eu já recebi muitas curas. Muitas curas. Curas assim, que olha, a gente diz porque, finalmente é com a mesma linguagem, né. Milagrosas! Curas milagrosas! E às vezes, tão simples como a gente nem imagina.

Eu tava com problema aí uma época... que tava feio, né? Coisa ligada à coluna. Sofrendo muito. Passei até em terapia. Pra mim fazer era piorar. E aí quando... eu já debilitado, né. Mexi... me já precisava o, a, ser mexido pelos outros, né? Prum banho, pra fazer uma precisão, enfim, às vezes até pra eu me virar precisava... e aí eu tava assim desse jeito, viu? Teve uma hora que eu só, me vi vivo os olhos. Esses eu ainda tinha condição de mexer. O resto eu não podia mexer em nada. Digo:

_ Valha-me Deus! - Aí a mulher, disse:

_ Luiz porque que tu não... - assim eu fui pedir Daime pra ela:

_ Mulher traz Daime. Traz Daime.

Aí quando ela chegou com o litro de Daime e o copo na mão eu ia botar dois dados.

Ela disse:

_ Porque você não põe mais um Daime, à vontade?

Aí eu achava que do jeito que eu tava debilitado, um Daime volumoso não ia ser o meu fim e tal. Mas aí eu, aproveitando o incentivo dela e, tomei assim quase cheio o copo. Aí, me aquietei por ali, isso era de madrugada, umas três horas da madrugada, eu amanheci mirando... E foi na amanhecência do dia que eu recebi essa cura. Aí, mas num grau, assim, de trabalho que eu vou te falar.

De repente, apareceu uma base aérea, ali pelo Tufi, por ali, envolvendo aquilo tudo, enorme! Aquela base aérea, e, e, e chegando uns aparelhos, né. Tanto decolava, como



terrissava assim como... Agora não era assim retratando um avião não. Era diferente, mas voando. E eu prestando atenção naquela história. Aí de repente terrissou lá um, um aparelho daquele. Eu olhei assim pros outros e vi que era o mais bonito! Coisa linda! Eu digo:

_ Mais que coisa bonita!

Aí veio, veio, veio, veio, estacionou, assim. Aí eu vi quando abriu a porta, aí desceu uma senhora, né. Desceu uma senhora, muito bonita. Aí lá vem ela, marchando no meu rumo, e eu olhando, pasmado... com tanta beleza, né. Mas aí ela quando ela chegou assim mais próximo ela retirou-se assim, aí passou assim dum lado, passou assim dum lado, só me deu uma olhadinha assim, bem de leve... Eu digo:

_Valha-me Deus, o que que tá acontecendo? Me olhou, mas, assim, tão de leve... eu não tô merecendo...

E aí eu fui me procurando. Fui me procurando, fui me procurando, no que me sentei, todo arrumado, debilitado, né, mas... arrumado! Só, pelo reflexo dum olhar! A cura veio aí, né. Só, porque foi ligeirinho, mas eu vendo ela e acompanhando quando ela foi passando assim de um lado aí ela deu uma dobradinha assim, deu uma olhadinha, bem pouquinho, passou. Eu até fiquei, é repetindo digo assim, lamentando digo:

_ Poxa, porque ela não me olhou direito?

Aí naquela coisa ali eu fui... só o reflexo do olhar dela... não é muito simples?

Fernanda: Muito!

Luiz Mendes: Muito simples, né? Uma cura! O olhar da Virgem Mãe. Porque não era outra, não. Era ela mesma. Aí tá pronto o homem arrumado. Parada dura.

Fernanda: Isso faz tempo, senhor Luiz?

Luiz Mendes: Faz tempo! Faz tempo, ainda era bem novo. É. Desmantelei assim, puxando um pau de macaxeira. Quando eu fiz força, não sei de que jeito deu um, um estalo. E aí daí começou. E aí... Foi detectado lá, que era com uma gravidade. Parece que hérnia de disco. Foi nesse grau.

Aí eu digo: “valha-me Deus!” Mas... nossa mãe me curou.

(Comunidade Fortaleza, Capixaba, Acre. 30/07/2014.)



2 BREVE ANÁLISE CULTURAL

Olhando pelas lentes dos Estudos Culturais (HALL, 2003; WILLIAMS, 1979), de estéticas surgidas a partir das diásporas (HALL, 2003), da epistemologia da Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011); e colocando em cena o corpo, com suas memórias, poética, gestos e voz (ANTONACCI, 2014; ZUMTHOR, 1993; 2005; 2010) procuro formas para desconstruir e romper a lógica que naturaliza narrativas hegemônicas e fazer soar vozes e gestos silenciados nos processos de colonização de territórios, corpos e mentes. No caso, vozes, saberes, seres da Ayahuasca que se tornou Daime a partir das revelações e dos ensinamentos de Raimundo Irineu Serra.

Me encontro, assim, no entrecruzar de múltiplas traduções (BENJAMIM, 2008; LARROSA, 2004; ZUMTHOR, 1993) e busco compartilhar, de maneira ética e estética, saberes/fazer que me chegam por meio das memórias ancoradas no corpo de Luiz Mendes e da voz poética que desse corpo emana. (MENDONÇA; ARAÚJO, 2018). Uma voz que ressoa no interior e a partir da doutrina do Daime, de êxtases místicos, de contextos amazônicos. Saberes que são expressão viva de uma poética da diversidade (GLISSANT, 2005).

Gostaria de destacar que em diversos momentos de nossos diálogos Luiz Mendes toca em um ponto importante. Diz que vai me contar algumas experiências porque, afinal, falamos a “mesma linguagem”. Caberia perguntar: o que ele está dizendo com isto? Que linguagem seria essa? Noto que ele faz essa observação acerca da compatibilidade (ou incompatibilidade) da linguagem em diversos momentos, quando se refere às vivências extáticas em sonhos e mirações; a contatos sobrenaturais com seres que habitam os reinos da natureza e com os espíritos dos mortos.

Considero que Luiz Mendes está me dizendo que tais saberes pertencem a um domínio não inteligível à uma lógica racional eurocêntrica. Que estou diante de uma visão de mundo não explicável e/ou compreensível por uma epistemologia moderna ocidental (SANTOS, 2009; CAPRA, 2012). Ele narra suas memórias, canta seus hinos, exerce sua oratória dentro e a partir da doutrina do Daime. Seus interlocutores podem compreendê-lo porque compartilham da mesma ciência. A ciência dessa bebida de origem milenar



(conhecida de forma generalizada como Ayahuasca) no contexto do trabalho desenvolvido por Mestre Irineu (aqui chamada de Daime).

O termo 'ciência' existe entre os seringueiros [moradores/trabalhadores de florestas nas Amazônias] e é empregado para designar conhecimentos específicos sobre o ambiente e as formas culturais de apropriação dos recursos naturais. Esses conhecimentos obedecem a regras de observação e classificação diferentes das vigentes na ciência ocidental moderna. Neste sentido, a ciência da ayahuasca compreende a aquisição e o desenvolvimento de um conjunto de saberes sobre o cipó Jagube e a folha Chacrona, sobre o preparo da bebida e seu consumo ritual, além das formas e critérios de transmissão desses conhecimentos. (PANTOJA FRANCO; CONCEIÇÃO, 2002, p.208).

Trata-se de uma lógica de saberes e fazeres onde inexistente a barreira entre natureza e cultura, entre homem e natureza, morte e vida, sagrado e profano – e outras barreiras mais - instituídas pelo “modelo de racionalidade que preside a ciência moderna”. Nas palavras da professora Maria Betânia Barbosa de Albuquerque (2014, p.179-180) “para além desse modelo a experiência da ayahuasca institui e dá validade a outro modo de pensar o real, configurando o que estou chamando de epistemologia ayahuasqueira”.

Sabendo que a pesquisa culminará na escrita do livro e falando diante do gravador, seu Luiz pondera que certas experiências “a gente não pode nem contar pra todo mundo”, mas mesmo assim às narra (pelo menos em parte). Poderia parecer contraditório, portanto, registrá-las e torná-las públicas. Contudo ressalto que escrevo para aqueles que entendem essa “linguagem”, pois, conforme já citado, meus principais interlocutores são os próprios daimistas. Mas também escrevo para aqueles que, se libertando da colonização interior - aquela que, nas palavras de Hampâtê Bâ (2003, p.331), intenta "esvaziar-nos de nós mesmos para nos encher com a maneira de ser, agir e pensar do colonizador," - desejam abrir-se ao Outro; abrir-se à diversidade de culturas, saberes e fazeres. Outra cultura, lógica, ciência... Outras paisagens poéticas. Assim, a partir do material disponibilizado na introdução, faço a seguir uma breve análise cultural direcionando o olhar para alguns pontos (dentre a multiplicidade de abordagens que o conto proporciona)

No conto transcrito Luiz Mendes cita o primeiro canto de cura que registrei, relacionando-o à sua história pessoal. Ali naquele período de sua vida marcado pelo hino, Luiz Mendes começa uma longa batalha na busca da cura de um câncer de palato. Gostaria de destacar que, embora os hinos (cantos) sejam recebidos em momentos de conexão com o sagrado, com realidades sobrenaturais, proporcionados pela atuação do Daime, eles não são



desvinculados da pessoa que os recebe e do momento particular e/ou social que vive. O conto e o canto em questão apresentam traços de culturas compósitas, de estéticas diaspóricas. No hino recebido na força do Daime, bebida milenar de origem indígena e quem sabe até incaica (FRÓES, 1986; MAC RAE, 1992) Luiz Mendes afirma ter fé em Jesus que ele é curador e há de lhe curar. Ciência da Ayahuasca e cristianismo se interpenetram e fazem surgir o novo: a poética daimista, no caso a poética daimista de Luiz Mendes. Seguindo adiante o narrador, no ato de sua fala vai constituindo sentidos e como que para explicar a situação de ter adoecido mesmo já pertencendo à doutrina do Daime diz que já recebeu diversas curas milagrosas e às vezes “tão simples como a gente nem imagina”. E aqui ele me (nos) presenteia com mais uma narrativa de suas memórias sobre miração e cura.

No conto estou diante de um homem de origens “da mata” (como ele próprio se refere às suas origens) criado no seringal e na colônia, executando o trabalho duro do roçado. Ali ele sofre um estalo na coluna. Com os dias a dor e o estado do trabalhador se agravam; subintende-se que ele procura recursos médicos e recebe o diagnóstico: uma hérnia de disco, algo grave. E continua a padecer. Impulsionado por sua mulher, o ainda jovem Luiz vai à procura de seu doutor vegetal e penetra em um forte trabalho. Noto que a medicina “convencional” não é desprezada; é inclusive buscada. Mas para o tratamento o paciente decide se valer de outros recursos.

Na circularidade de culturas, no âmbito de metáforas e saberes forjados em zonas de contato (GLISSANT, 2005; PRATT, 1999) a narrativa me conduz a uma base aérea localizada espacialmente no terreno de seu vizinho o senhor Tufi (assim como os tempos, também os lugares míticos e cotidianos se interpenetram). Como ouvinte, sou surpreendida quando o narrador conta que dos aparelhos que decolavam e aterrissavam naquela base (algo assim que me remete a discos voadores e a relatos de trabalhos xamânicos de ayahuasqueiros-vegetalistas.

Cf. MAC RAE, 1992, p.55) desce uma linda senhora, que entendo ser a “mãe” daquela planta professora (LUNA, 2002). E desafiando todas as noções de um catolicismo abissal, do modelo biomédico e do pensamento racionalista ocidental (SANTOS, 2009; CAPRA, 2012) aquela senhora, identificada pelo narrador como a Virgem Maria, lança sobre o paciente um brevíssimo olhar e “aí tá pronto o homem arrumado”.



3 CONCLUSÃO

Fundamentada nos referenciais teóricos da pesquisa, percebo as memórias narradas de Luiz Mendes como artes verbais; como literatura oral daimista, ayahuasqueira e amazônica; como “performances e literaturas insurgentes” que subvertem “sistemas de avaliações e classificações” da modernidade norte ocidental. Suas narrativas não se enquadram em gêneros literários canônicos euro e etnocêntricos, excludentes e exclusivistas. Embora gravadas em entrevistas e conversas cotidianas não as escuto/leio como simples relatos, porque são providas de arte, de poesia e por isso decidi chamá-las de contos. Mesmo que versem sobre suas experiências de vida, experiências cotidianas e extáticas e, portanto, não possam ser tomadas como ficção, elas também não trazem o real vivido porque estão inseridas na linguagem. E dentro dos referenciais adotados, a linguagem é, em si mesma, ficcional e subjetiva. (Cf. ANTONACCI, 2014; HALL, 2003; WILLIAMS, 1979; ZUMTHOR, 1993; 2005; 2010).

Sob a ótica dos Estudos Culturais, já referenciados, ao invés de ser lida a partir das lentes etnocêntricas, essencialistas e dicotômicas da modernidade ocidental, a literatura oral amazônica-daimista-ayahuasqueira que procuro fazer ecoar (a saber os contos e cantos de Luiz Mendes) é entendida como “repertório de resistência” (HALL, 2013). Repertório constituído em tensão, mas não em oposição aos repertórios dominantes. Imaginários e poéticas que fazem parte de culturas vivas; que trazem à tona vozes aviltadas, silenciadas. Tradições e literaturas vivas forjadas no caldeirão da circularidade de pessoas e culturas no mundo; constituídas no interior e a partir da epistemologia da Ayahuasca, da ciência do Daime, de estéticas das diásporas. Vozes, que, embora sutilmente e dentro dos processos de conformismo e resistência, subvertem padrões hegemônicos e podem contribuir para descolonizar as mentes.

REFERÊNCIAS



ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Epistemologia e saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Epistemologia da Ayahuasca e a dissolução das fronteiras Natureza- Cultura da Ciência Moderna**. Fragmentos de Cultura. Goiânia, v. 24, n. 2, p. 179-193, abr./jun. 2014.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2014.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. In: BRANCO, Lucia Castello. (Org.) A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Tradução de Karlheinz Barck et.al. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

FRÓES, Vera F. **História do Povo Juramidam**: introdução à cultura do Santo Daime. 2. ed. Manaus: SUFRAMA, 1986.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora, UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Dá diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMPÀTÊ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Pala Athena/Casa das Áfricas, 2003.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUNA, Luis Eduardo. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. (org.). **O uso ritual da Ayahuasca**. Tradução de Cláudia Rosa Riolfi e Valdir Heitor Barzotto. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**: Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992

MENDONÇA, Fernanda Cougo; NASCIMENTTO, Luiz Mendes. **O orador do Mestre Raimundo Irineu Serra**: Diálogos, Memórias e Artes Verbais. Rio Branco: Nepan, 2019.

MENDONÇA, Fernanda Cougo; ARAUJO, E.M.F. **Casmerim: um encanto da floresta**. In: Anais da XIII Jornadas Andinas de Literatura Latino-americanas. Rio Branco: Nepan, 2018a. p. 332-341.



MENDONÇA, Fernanda Cougo; ARAUJO, E.M.F. **Poéticas orais amazônicas:** possibilidades de descolonização de imaginários (e currículos?) Conjecturas acerca das traduções de culturas vivas, da voz viva, para o contexto da educação de crianças. In: Anais da XIII Jornadas Andinas de Literatura Latino-americanas. Rio Branco: Nepan, 2018b. p. 315-331.

PANTOJA FRANCO, Mariana Ciavatta; CONCEIÇÃO, Osmildo Silva da. **Breves revelações sobre a ayahuasca.** O uso do chá entre os seringueiros do alto Juruá. In: LABATE, Beatriz, C; ARAÚJO, Wladimir, S. (org.). O uso ritual da Ayahuasca. 2ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.) **Epistemologias do Sul.** Coimbra, Edições Almedina, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1979.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** A “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo:** entrevistas e ensaios. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** Tradução Jerusa Pires Ferreira e Maria Lúcia Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.